



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

OSVALDO MONTEIRO DOS SANTOS

(depoimento)

2014

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-452

Entrevistado: Osvaldo Monteiro dos Santos

Nascimento: 06/10/1934

Local da entrevista: Residência do entrevistado Torres-RS

Entrevistador/a: Alexandre Luz Alves, Christiane Garcia Macedo e Leila Carneiro Mattos

Data da entrevista: 05/09/2014

Transcrição: Alexandre Luz Alves

Copidesque: Bruno de Oliveira e Silva

Pesquisa: Bruno de Oliveira e Silva

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 48 minutos e 17 segundos

Páginas Digitadas: 15 páginas

Observações:

O entrevistado realizou algumas alterações após a leitura da entrevista transcrita.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Inserção na modalidade judô; Início do judô no Rio Grande do Sul; Começo no Dojô Ruy Barbosa; Participações como atleta, árbitro, técnico; Passagem por Caxias do Sul; Passagem por clubes esportivos; Mulheres no judô; Passagem pela Escola Ryuzo Ogawa; Situação do judô no Rio Grande do Sul; Dificuldades na carreira; Contribuição para o judô do Rio Grande do Sul.

Porto Alegre, 5 de setembro de 2014. Entrevista com Osvaldo Monteiro dos Santos a cargo dos pesquisadores Alexandre Luz Alves, Christiane Garcia Macedo e Leila Carneiro de Mattos para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

A.A. – Primeiro de tudo boa tarde professor Osvaldo é muito importante para nós esse relato para o Centro de Memória do Esporte, agradeço em nome dele. Como foi a sua inserção no judô e se você já iniciou nessa atividade?

O.S. – É, o meu primeiro esporte mesmo foi o boxe. Porque eu fazia parte da polícia de choque, durante vinte e dois anos no Rio Grande do Sul. Era uma polícia especializada. Então esse rapaz, o Delamar Teixeira da Silva, nós nos conhecemos e como nós passávamos muitas dificuldades, fazia comida nós dois, e aquela coisa... Pouco dinheiro de cada um, na época era muito pobre, pobreza existia mesmo. Nós resolvemos entrar para a guarda civil, fizemos concurso e passamos e ele treinava na academia do professor Loanzi¹. Como a gente já tinha um ordenado, ele me levou para lá, combinamos e nós pagávamos uma mensalidade. O professor Loanzi foi um dos pioneiros no judô no Rio Grande do Sul. Ali nós iniciamos a nossa caminhada, eu fui faixa verde, marrom... Com a marrom nós resolvemos sair do Rio Grande do Sul, nós já éramos funcionários públicos, naquela época tinha um pouco de facilidade. Então resolvemos sair do Rio Grande do Sul para São Paulo na academia do professor Ryuzo Ogawa. Dali nós iniciamos a nossa caminhada da marrom para a preta, era muito difícil. Treinava-se das sete e meia da noite até a meia noite, todos os dias. Sábado e domingo competição, quando não tinha competição tinha treino, quando tinha competição domingo, o professor Ryuzo Ogawa tinha um jipe que ele lotava, nós íamos para Mogi², para outros lugares competir.

A.A. – Que ano mais ou menos foi isso?

O.S. – Olha, eu acho que foi 1959, 1960 por aí, não tenho a data. Nós fomos para São Paulo e ficamos na academia, eu fiz parte das equipes A, B e C de São Paulo, Academia Ogawa. A gente competia muito, no fundo a gente não sabia se ia sair faixa preta ou não,

¹ Aloísio Bandeira de Melo.

² Mogi das Cruzes em São Paulo.

porque o professor tinha uma disciplina muito grande. Para tu ver que tinha muita disciplina nessa academia que a gente usava tamanco, mas não podia fazer barulho, se fizesse barulho ficava treinando até uma hora. Tinha que saber caminhar, para pegar disciplina. Então nós fomos batalhando e saímos faixas pretas... Tu tem outras perguntas ou tu quer que eu continue?

A.A. – Pode continuar da maneira que o senhor achar melhor. Pode ir contando, conversando tranquilo...

O.S. – Eu já estou te contando tudo... De São Paulo nós viemos para o Rio Grande do Sul, nós já éramos funcionários públicos e fomos trabalhar... Fundamos a Academia de Polícia, naquele tempo não era academia, era Escola de Polícia, com o Pedro Américo Leal, ele era tenente, mas ele era o chefe do setor de educação física na Escola. Daí nós tomamos conta do departamento, e veio a defesa pessoal, nós éramos os únicos no estado que sabia defesa pessoal, demos aula de defesa pessoal durante muitos anos. Eu dei no Exército, Brigada, Civil, Aeronáutica, fui muito solicitado nessa parte de defesa pessoal. E depois nós continuamos na academia do professor Loanzi e o pessoal foi saindo, nós éramos “campeoníssimos” sempre na academia. Então o professor Loanzi era um pai para a gente, mas como eu era muito disciplinado certas coisas eu não aceitava. Para mim tinha que ser: “É isso, é isso. E aquilo é aquilo”. E tinha de ser assim. Então nós brigávamos, mas no bom sentido, muito eu e ele...

A.A. – O senhor quer dar um exemplo de alguma coisa que não lhe agradava, alguma coisa que o senhor não gostava?

O.S. – Por exemplo, eu levei atletas para lá para ganhar ou ter uma vida melhor, então às vezes eles não ganhavam e eu me irritava. Eu tirei do meu ordenado para dar para eles, meu ordenado ficava para eles comer. E ele se irritava com isso, brigamos muitas vezes. Em 1962 nós brigamos feio, e aí nos separamos, e ele disse: “Ah! Você vai passar trabalho...”. E eu disse: “Eu não vou passar trabalho, sou funcionário público, não tem como passar trabalho, meu ordenado vem”...

A.A. – Esse Dojô em especial era o Ruy Barbosa?

O.S. – É o Esporte Clube Ruy Barbosa. Quando iniciou era na Rua dos Andradas³, lá em baixo, depois passou para a Riachuelo⁴, esquina com a Caldas Junior, conseguimos passar para lá. Nós fomos batalhando também, a gente tinha pouco dinheiro lá na Rua da Praia. A gente fazia aqueles bolos lá e fazia um carreteiro, uma coisa, mas nós treinávamos sempre até onze horas da noite, nós saíamos da academia pegava no serviço, pegava meia noite, naquele tempo era turno na Guarda Civil, pegava da meia noite às seis. Largava às seis e vinha treinar até nove horas depois ia dormir, não era muito fácil não. Mas aí as coisas foram apertando e eu falei para o professor Loanzi que eu não podia pagar mais e ele: “Não! Porque tem de pagar”. E eu disse: “Não posso, as coisas apertaram”. E aí ele passou a não me cobrar mais e eu passei a ser professor dele. Então nós subimos depois, com todo mundo fazendo esforço, subimos para a Riachuelo, academia maior e ficamos ali, e ali encerrou o Ruy Barbosa. Então em 1962 eu era segundo Dan⁵, uma coisa assim e eu fui para o Leopoldina Juvenil⁶, trabalhei sete anos no Leopoldina Juvenil, clube finíssimo, com muito dinheiro... Dali eu continuei a minha vida particular, fui professor da Federação anos e anos, dava aula da federação no Inter⁷, dava aula no Cruzeiro⁸, depois peguei o Grêmio⁹, trabalhei onze anos no Grêmio. E do Grêmio depois de muitos e muitos anos eu fui para Caxias do Sul, em 2000 fui para Caxias. No Grêmio eu estive duas vezes, na primeira vez eu coloquei trezentos e poucos alunos, fomos para dois Pan-americanos, fomos campeões Sul Americanos, fomos campeões Brasileiros, evoluímos. Só que clube de futebol para esporte amador não dá certo, quanto mais patrocínio tu consegue, mas eles pegam e não te devolvem aquele patrocínio. Então trabalhei muito no Grêmio também, e assim eu fui indo. E o Antônio¹⁰ foi professor junto comigo lá no Grêmio depois ele saiu e eu fui para a Academia, aí o judô do Grêmio terminou, ficou um ou dois anos mais. O Dr. Mário Leitão foi me buscar ali no... Eles não queriam, o Grêmio achou que eu tinha colocado eles na justiça. Eu não coloquei na justiça, é que o Grêmio não pagou direito e eu coloquei no Sindicato dos Professores, o Grêmio teve que pagar, não foi com cheque, foi com dinheiro á vista. Então depois eu vim para o Grêmio de novo, o Dr. Mário Leitão veio

³ No centro de Porto Alegre.

⁴ No centro de Porto Alegre.

⁵ Graduação dentro do Judô.

⁶ Associação Leopoldina Juvenil.

⁷ Sport Club Internacional.

⁸ Esporte Clube Cruzeiro.

⁹ Grêmio Football Porto Alegrense.

¹⁰ Nome sujeito a confirmação.

me buscar e eu trabalhei mais cinco ou seis anos no Grêmio, levantei de novo o Grêmio. Depois Caxias do Sul começou a fazer pressão, mas eu nunca quis trabalhar no interior, achava que o interior não era lugar para professor especializado. Porque paga pouco, exige muito. Terminou em São Paulo, insistiram e terminamos acertamos primeiro com Caxias...

A.A. – Fora o Delamar alguém mais influenciou na tua escolha pelo judô? Família? Outros amigos? Parentes?

O.S. – Não, só ele...

A.A. – Eu queria que o senhor falasse um pouco de como era a escola onde o senhor iniciou a prática do judô.

O.S. – A prática do judô que eu iniciei foi no professor Loanzi...

A.A. – Como era essa escola, eu gostaria que o senhor dissesse para a gente...

O.S. – A escola era pobre, os instrutores eram dois mudos, brabos barbaridade, mudo é brabo. Então nós treinávamos muito mais do que os outros atletas, os outros alunos, porque nós queríamos ser atletas. Então nós treinávamos realmente muito pela manhã, pela tarde, pela noite. E o professor Loanzi foi um dos baluartes, o criador do judô do Rio Grande do Sul, a academia muito forte, muito boa, muito pobre. Então todo mundo precisava ajudar daqui, dali. Mas foi subindo, os atletas foram se multiplicando, levantavam campeonato em tudo quanto era categoria. Naquela época não tinha categoria de peso, por exemplo, naquela época era por faixa. Tu era verde podia ter cinquenta quilos, que tinha um de noventa, cem quilos lá. Então não tinha, depois mais tarde, muito mais tarde é que veio as categorias de peso, depois do campeonato brasileiro que feito por esse professor Ryuzo Ogawa em 1950, primeiro campeonato brasileiro que teve foi feito por ele, ai foram feitas as categorias.

A.A. – E nesse próprio dojô, no Ruy Barbosa o judô acontecia separado de outras modalidades ou era tudo junto... De outras lutas?

O.S. – Aí que entrou a disciplina que nós trouxemos de São Paulo, nós não permitíamos outras lutas que não fossem o judô por isso nós ajudávamos... Ele por exemplo queria colocar caratê, nós não deixávamos, kempô, não deixávamos, aikidô, não deixávamos e assim... Luta livre, que eu fui professor de luta livre muito tempo, luta olímpica, luta livre, canal cinco, canal doze [risos]...

C.M. – Ringue Doze¹¹?

O.S. – É, essa modalidade de luta toda... Então nós não deixávamos, somente judô.

A.A. – Como era a situação das mulheres no judô nessa época? As mulheres podiam praticar, competir, como funcionava?

O.S. – As mulheres podiam, mas era muito preconceito, porque tinha namorado, tinha marido... Então, e a luta de judô é desenvolvida também no chão... Tinha muito preconceito por causa dos namorados, maridos, e o judô se desenvolvia em cima e se desenvolvia em baixo também, é preciso desenvolver em baixo. Mas esse preconceito foi sendo vencido, esse preconceito foi vencido que formou-se uma academia praticamente feminina, era ali na Siqueira Campos, por ali, que era do César¹², um uruguaio. E ele se entendia muito bem com essa parte feminina...

A.A. – O senhor lembra do nome dessa academia?

O.S. – Não me lembro...

C.M. – O sobrenome do César, você lembra?

O.S. – Não lembro... A gente só ia à academia dos outros para levar pau, ou dar pau. Não tinha essa... Hoje em dia... Não tinha essa educação, não tinha essa firmeza que as pessoas

¹¹ Programa de luta livre que passava na emissora RBS TV, que era gravado no Ginásio Militar de Porto Alegre na década de 1960.

¹² Nome sujeito a confirmação.

tem que ter, de conversar, de falar, de trocar ideia, qual é a melhor técnica para isso? Qual é a melhor técnica para aquilo? Hoje já tem, por isso que tem o conselho de *Kodanshas*¹³.

A.A. – Eu queria que o senhor contasse para a gente qual era a situação do Rio Grande do Sul... No resto do Rio Grande do Sul, o senhor tem conhecimento dessa parte e se você teve auxílio ou apoio de algum clube?

O.S. – O judô foi trazido ao Rio Grande do Sul pelo professor Loanzi, pelo Conde, o Conde que veio e estava fazendo todo esse trabalho dentro do Brasil, o Conde Koma¹⁴. Então o professor Loanzi também trouxe ele para cá, o professor Loanzi era do norte, do norte ele veio para cá fazer a vida dele no esporte. Vieram para cá formaram essa parte aí e o professor Loanzi formou o Ruy Barbosa, quando eu fui para o Ruy Barbosa já existia o Ruy Barbosa. Ele formou o Ruy Barbosa que foi o iceberg, foi tudo isso aqui, depois veio o Ginásio Esparta, depois vieram outras academias, depois veio o Cruzeiro, Internacional, mas muito depois do Ruy Barbosa. Depois que eles começaram a criar essas associações onde os clubes começaram a entender que tinha que ter judô... Se não tivesse, não teria como manter uma gurizada, uma leva de atletas para a formação deles, eles entenderam isso, foi levado pela federação, palestra de professores, foi desenvolvendo essa parte intelectual no judô.

A.A. – Existia algum intercambio ou relação entre as escolas de judô naquela época? Comente a sua passagem pela escola de Ryuzo Ogawa.

O.S. – Não tinham intercâmbios. Aqui no judô quem iniciou... Todo mundo era inimigo. Como eu disse para ti, a gente só ia na academia para apanhar ou para bater, não tinha intercambio: “Ah! Tu vai treinar na minha academia hoje, eu vou te apresentar o professor tal...”. Ai tu me convidava para treinar na tua academia, eu ia, mas tudo com licença do professor. Se o professor não desse licença para treinar, ele não treinava, e a maioria não dava. Então não tinha essa parte. Quanto a academia Budokan... Para falar da academia Budokan é difícil! O professor Ogawa veio do Japão porque houve uma disputa entre ele e

¹³ Graduação no judô, após a faixa preta, é representada pela faixa coral (vermelha e branca).

¹⁴ Mitsuyo Maeda, japonês que foi naturalizado brasileiro com o nome de Otávio Maeda.

aquele professor, Jigoro Kano¹⁵. E dentro das polícias, que naquela época era entre as polícias, o professor Jigoro Kano venceu. Então o professor Ogawa ficou meio chateado e veio para o Brasil, no Brasil ele fundou essa academia no bairro da Liberdade, a Academia Budokan. Na verdade fundaram para ele .A academia era mais baixa que isso mais ou menos, mas era uma academia “compridinha” e não era qualquer aluno que quisesse que ia lá treinar. Era só aluno mesmo ou atleta dele. Então a academia Ogawa era uma disciplina que tu podia escutar, no treino, uma mosca voando por que tu não escutava uma voz a não ser a dele e dos mestres dele. O professor Ogawa tinha seis interpretes, quando iniciava a aula batia aquele gunga¹⁶ tri forte: “Bum!”. Batia-se aquilo acendia as velas, a quantidade que tinha que acender e ele com o quimono preto sentava em uma almofada, ajoelhava na almofada e ali ele ficava até o fim da aula só quando precisasse ele falar a aula parava e ele falava, o interprete ia falar, falava com ele... Então a aula era assim, ninguém pedia para sair mais cedo: “Deus o livre!”. E ninguém podia se abster ao treino, é obrigatório. Então aqueles treinos eram primeiro entre alunos, tomava a sua aula, tomava-se as técnicas que tinha que fazer, fazia e ai ele mandava vir o interprete, chamava e dizia: “Bom, o Alexandre, o fulano e o Osvaldo vão ficar”. Ai tinha que ficar até meia noite, ai era um treino mais puxado, treinava só com faixa preta, era uma hora aquilo ali. Então nos começamos a pegar esse treino, para ti ver que o treino era tão forte que nós ficávamos na Água Branca¹⁷ e nós íamos á pé do bairro da Liberdade¹⁸, atravessava o Viaduto do Chá¹⁹, ia lá no Água Branca. Não podia fazer nem refeição que vomitava tudo de tão forte o treino, era impressionante. Mas tu chegava no vestiário, tu recebia teu kit, teu kit era o teu tamanco, não podia bater tamanco, para ver se tu tinha controle emocional. Então tu ias aprender a caminhar, te ensinavam a caminhar como se fosse um chinelo para tu ter o controle, fazia diversas vezes aquilo até tu adquirir o controle, depois tu ia passar para a sala, era impressionante a disciplina dele. Ele não falava contigo, ele falava quarenta dialetos em japonês e não falava português, muito inteligente. Eu fui um dos alunos mais queridos dele, se eu ia a São Paulo não o visitava, “Deus o livre!” Ele mandava me pegar no aeroporto e eu tinha que ir tomar um cafezinho, o filho dele naquela época era sexto grau: “Papai está esperando Osvaldo”...

¹⁵ Conhecido como o fundador do judô.

¹⁶ Espécie de cajado ou bengala.

¹⁷ Bairro da cidade de São Paulo.

¹⁸ Bairro da cidade de São Paulo.

¹⁹ Viaduto da cidade de São Paulo.

C.M. – Quanto tempo o senhor ficou na escola?

O.S. – Eu fiquei lá em São Paulo, eu fiquei uns dois anos...

C.M. – Sempre na escola Budokan?

O.S. – Sempre...

C.M. – O senhor comentou que o senhor tem a maior graduação...

O.S. – Eu sou o faixa vermelha nono grau...

C.M. – Como o senhor conseguiu chegar a esse ponto?

O.S. – A essas graduações? Isso é complicado. Primeiro nós temos um tempo para ser promovido, para tentar ser promovido, fazer exame para ser promovido. Por exemplo, quem chega á faixa preta, de marrom a preta... Antigamente era mais difícil, hoje está mais fácil, hoje com dezesseis, dezessete anos chega á preta. Mas tem aulas na federação para isso na qual fui presidente também da comissão de graus, então sai faixa preta ele tem dois, ou três anos para dar aula, transmitir os conhecimentos dele, depois tentar faixa preta *Nidan*, que é o segundo grau. Faz exame, passa ai tem quatro anos para ser *Nidan*, ai chama-se *Sandan*, vai para *Yondan* depois *Godan*, quarto grau, quinto grau. O quinto grau da faixa preta é o último, grau da preta, apesar de que continua sendo preta a vida toda. Ai vai depender do quinto grau do teu trabalho, se tu foste campeão Pan Americano, Sul Americano, entendeu? Se tu foste campeão em Mundiais, quantas vezes Campeão Brasileiro, ai tu tem uma série de trabalho para fazer, vem o reconhecimento da tua Federação junto com a Confederação Brasileira²⁰. Aqui do Rio Grande do Sul eu fui o primeiro professor que abriu caminho para esses professores. Eu fui o primeiro professor que deu aula na Confederação, tenho orgulho disso, eu não queria, mas a gente é obrigado. Ai vem àquela parte do teu trabalho como quinto grau, se tu trabalhou corretamente, se tu tem currículo no teu clube, tu tem poderes no teu clube. Demonstra aquilo, dez vezes

²⁰ Confederação Brasileira de Judô.

campeão Pan-americano, tem cinco Sul-americano. A tua Federação manda para a Confederação, e lá na comissão de graus da Confederação vai ser analisado o currículo que a Federação mandou, se for aprovado tu passa a faixa coral, que é aquela vermelha e branca, vai de sexto, sétimo, oitavo. Nono e décimo *Dan* é vermelha. É muito difícil chegar lá, para você ter uma ideia, tem faixas corais que a gente tem nove anos para passar para a próxima faixa, é muito difícil para tu chegar, eu nunca... Dizer que eu não pretendia é mentira, mas eu nunca imaginei que hoje eu seria um faixa vermelha. Mas eu dei aula em São Paulo também, eu dei aula no Rio, dei aula em Minas, eu dei aula no Brasil quase. Conheço o Brasil, conheço Brasília, conheço bastante. Eu tenho um currículo invejável, fundei os *Kodanshas*²¹, que são os faixas vermelha e branca, sexto grau para cima, então esses *Kodanshas* são os baluartes da Federação, são os cabeças que tem condições de dizer não ou sim para a Federação, ela manda o pedido dela, um palpite e nós analisamos se vale ou não vale à pena. Então nos reunimos aqui em casa, eles vêm aqui, como eu não posso sair muito, eles vem aqui, fazemos reuniões lá nos fundos, tem uma mesa para doze pessoas, ou nos reunimos aqui, colocamos cadeiras, tem churrasqueira ali, fazemos churrasco, depois da reunião churrasco, cerveja e tudo [risos]. Então é assim... Não sei se eu respondi para ti, ficou alguma dúvida?

C.M. – Dos atletas que você formou, qual foi à maior conquista?

O.S. – A maior conquista que eu formei foi um atleta chamado Paulo Leonardi, de Caxias do Sul. Ele tirou segundo lugar na França em um Mundial, foi o maior que eu formei. Mas Pan-americano, Sul-americano, Circuito Europeu, eu fui o primeiro professor que colocou um atleta no Circuito Europeu e foi com um atleta do Grêmio.

A.A. – Ainda falando da sua passagem na escola Budokan, que outros atletas acompanharam o senhor nessa estadia?

O.S. – Delamar Teixeira da Silva e Newton Cardoso.

A.A. – O senhor poderia falar um pouco sobre esses dois atletas?

²¹ Conselho dos *Kodanshas*.

O.S. – Sim, o Delamar foi aquele rapaz que me levou para o esporte, ele já era faixa roxa. O Newton era um atleta do Sparta²² e eu fui buscá-lo porque gostei muito do sistema de quadril dele. Então eu achava que trabalhando um pouco mais aquele sistema de quadril, ele seria quase invencível, como de fato foi mesmo. Ele foi um dos maiores atletas do Rio Grande do Sul e consegui leva-lo para o Ruy Barbosa, nós já estávamos na Riachuelo. Eu ganhava naquela época cruzado, cruzeiro... Eu não me lembro o que era o dinheiro, então ao invés de o professor me pagar, eu dei liberdade para o professor pagar á ele sabe? Ele era fora de série, depois que nós trabalhamos o quadril dele, deixamos assim que era um bailarino, um espetáculo! Não tinha entrada que desse que não levava. Foi hexa campeão aqui, foi tudo... Foi muito bom, o melhor atleta que teve no Rio Grande do Sul.

A.A. – Comente as dificuldades de sua carreira e se percebeu alguma diferenciação entre os atletas do sul e do eixo Rio e São Paulo?

O.S. – É grande! Para ti ver uma coisa, nós ficamos na Água Branca e tínhamos direito a uma refeição, já ficava com o prato pronto lá. Quando chegávamos a meia noite é que nós íamos comer aquela refeição que estava servida, não tínhamos dinheiro para estar em restaurantes e saindo do treino nem poderíamos mesmo, não dava, o estômago não aguentava. Fazíamos aquela caminhada, meia noite chegava na Água Branca, ai tomava um banho e depois devorar aquele prato [risos], que era mais salada mesmo. A diferença era enorme, aonde sentava um atleta paulista tinha tudo, aonde sentava um professor paulista tinha tudo, não faltava nada, nem fruta... Diferença era da noite para o dia.

C.M. – Além de São Paulo tinha algum outro estado que era mais forte no judô?

O.S. – Rio de Janeiro era forte no judô. Depois foi ficando forte o Rio Grande do Sul, depois Paraná, depois Santa Catarina que deu uma caída também. O Rio Grande do Sul deu uma caída depois subiu de novo, pegou patrocínio da Oi, e o gerente da Oi era um ex-atleta de judô então ele investiu no judô, só que ele investiu na Sogipa²³. Então a Sogipa foi buscar atletas, hoje a Sogipa é o que é, porque eles fizeram atletas ali dentro, com o patrocínio buscaram muitos atletas de outros estados.

²² Ginásio Sparta.

²³ Sociedade Ginástica de Porto Alegre.

A.A. – Comente a sua trajetória enquanto professor, técnico, árbitro, ou outra participação dentro do judô.

O.S. – Eu fui árbitro nacional, fui diretor de arbitragem do Rio Grande do Sul, arbitrei muito por esse Brasil á fora, Os Jogos que eram em Brasília, sempre me levavam uma semana antes para trabalhar. Então eu tive uma escola de arbitragem que era muito rígida, São Paulo, porque aqueles professores que iam arbitrar, por exemplo, hoje é sexta e iam arbitrar amanhã, eles saíam para jantar sabe? Ai eles chegavam assim: “Osvaldo tu vai ficar treinando, nós vamos colocar espelho”. Eles colocavam espelho e tu ficavas treinando gesto, e dê-lhe gesto, quando eles chegavam, eles te acordavam, e dai tu ia demonstrar para eles o que tu fez, e assim era a disciplina de arbitragem de São Paulo, era muito rígida. Mas por quê? Porque eles gostavam da pessoa e queriam que aquela pessoa fosse igual a eles. Até tu entender aquela jogada, “por que eu tenho que ficar?” Até tu entender, alguém te explicar porque era feito aquilo, ai que tu vai entender que as pessoas realmente queriam fazer um bem para ti, eles queriam que tu fosses um árbitro bom, então faziam isso. Eu cheguei até nacional, hoje tem FIJ²⁴, eu não cheguei a FIJ porque a minha idade não dava mais.

A.A. – Você teve participação direta ou indireta em alguma etapa de preparação de atletas que foram para as Olimpíadas ou outras competições internacionais?

O.S. – Sim, competições internacionais sim, Olimpíada não. Mas competições internacionais, Pan-americano, Sul-americano, Campeonato Internacional, isso sim nós tivemos. Quem fazia treino na Federação e como eu era da Federação passava pelas minhas mãos [risos].

A.A. – Que outros momentos/eventos no judô você destacaria?

O.S. – Eu vou dizer para vocês, eu devo tudo que eu tenho para o judô.

A.A. – Alguma coisa em específico que tu gostarias de destacar?

²⁴ Federação Internacional de Judô.

O.S. – Eu tenho a minha casa, eu tenho o meu carro, isso aqui foi do judô. Depois que eu fui para Caxias... Eu fui para Caxias, fiz um bom contrato, eu fui para Caxias ganhando vários salários mínimos, em 2000, mais percentagem sobre o meu ordenado, mais horas extras, só que eu trabalhava das cinco da manhã á meia noite, eu nunca parei, nunca faltei á aula. Eu sou fundador do judô em Caxias e foi o lugar que eu ganhei... Depois da Leopoldina Juvenil que eu ganhei mais dinheiro foi Caxias, mas o contrato de Caxias sempre foi assim muito bom, eu não tenho queixa de Caxias. Caxias é uma cidade que realmente paga bem, se tu trabalhas bem eles pagam bem. Então Caxias me deu tudo o que eu tenho casa, carro, família, tudo que eu tenho e agradeço ao judô.

A.A. – Como você percebe a mudança do judô ao longo destes anos? A evolução do judô, eu gostaria que o senhor falasse sobre isso.

O.S. – Foi muito grande, porque o judô é universal. Mas a evolução dos técnicos... Conforme o exemplo, o escritor evolui de uma parte, outro escrito evolui de outra parte, só que os técnicos do judô eles são todos oriundos do Japão, ensinamento japonês. Por exemplo, uma técnica, o *Osotogari*, vamos dizer, ele é *Osotogari* aqui e tem de ser no Japão, não pode modificar. O que acontece é que entra essa parte, muitos professores tentaram modificar, escrever livros que não era *Osotogari*, como os professores não dominam a língua japonesa, então chamavam “o grande gancho” porque não sabiam a técnica correta, então eles ensinavam assim. Ao invés de eles aprenderem, eles queriam ser os baluartes e deu errado para muitos professores, não subiram na vida no judô por isso, não evoluíram tecnicamente, não acompanharam a evolução técnica e o judô é uma evolução enorme. Hoje nós temos o judô força que é o judô da Ucrânia, o judô da Rússia, mas temos o judô classe que é o judô do Japão, está voltando aonde a técnica domina a força, felizmente está voltando. Nesse campeonato que aconteceu na Rússia já se viu bastante, mas estão usando muita força, é incrível.

A.A. – Comente a sua contribuição para o judô do Rio Grande do Sul.

O.S. – Falar da gente é difícil, mas acho que eu contribui cem por cento. Fui atleta, fui técnico, fui árbitro, fui professor da Federação, fui durante cinco anos presidente dos

Kodansha, entreguei porque eu queria que outros evoluíssem também. Fui presidente da comissão de graus, fui presidente da arbitragem, comissão de arbitragem, eu só não fui presidente da Federação que também não era bom [risos] entendeu? Mas desempenhei todos os cargos que tinha de técnico, fui todos. Formamos muitos atletas por ai.

C.M. – Em relação às competições, teve alguma época em que participou mais como atleta?

O.S. – Como atleta até 1962.

C.M. – Chegou a participar de campeonatos internacionais?

O.S. – Sim, o Campeonato Brasileiro, naquela época nós representamos o Rio Grande do Sul durante dez anos. Quem treinava mais, tinha mais chance de viajar.

C.M. – E fora do país teve algum?

O.S. – Uruguai, Argentina, Chile.

C.M. – Algumas técnicas de catadas de perna eram mais utilizadas antigamente e depois teve uma modificação, o senhor percebe essa modificação no judô?

O.S. – Foi muito boa, por quê? tu tinha que trabalhar técnica de quadril, tu trabalhava técnica de perna, técnica de braço ai aconteceu que tu vinha... O Joãozinho²⁵ que, por exemplo, o João foi Bi Campeão Mundial com técnicas de catada de pernas, ele era baixo, forte e pegou aquela técnica que quase ninguém tinha... Ela evoluiu depois, então tecnicamente o judô baixou dali, porque não existia mais técnica perfeita, por isso foi proibida essa técnica, não pode mais fazer, o judô foi modificado para melhor. Hoje em dia tu vê técnicas que tu não vias mais, um *Oсотogari*, um *Morote Seoi (Nage)*, um *Koshi Guruma*, *Harai Goshi*, então realmente melhorou para cima, foi muito bom.

A.A. – Voltou a ser mais tradicional tu diria?

²⁵ João Derly de Oliveira Nunes Junior.

O.S. – Voltou a ser tradicional, essa é a palavra certa.

A.A. – Tem algo que nós não perguntamos e você gostaria de deixar registrado?

O.S. – Registrado do que eu estou falando para vocês?

A.A. – Sim, alguma coisa que a gente não tenha perguntado e senhor gostaria de falar para nós...

C.M. – Dessa história do senhor no judô. Ou de outras práticas que o senhor viu, alguma pessoa importante...

O.S. – O que eu queria deixar registrado é que muita gente, as vezes, não reconhece, que quem fundou o judô aqui no Rio Grande do Sul foi o mestre professor Loanzi, isso eu queria deixar registrado. Que para que registrar, como eu disse para você, é muito difícil falar de mim, falar dos outros é fácil [risos]. Mas de mim é difícil, não gosto, nunca gostei. Mas gostaria de deixar registrada essa parte do professor Loanzi, foi um mestre do judô no Rio Grande do Sul.

A.A. – Foi uma referência.

O.S. – É verdade, foi a referência total no Rio Grande do Sul.

A.A. – A gente gostaria de agradecer ao senhor pela entrevista. Esse depoimento é muito importante para o Centro de Memória do Esporte, agradecer a sua disponibilidade, ter nos recebido em sua casa.

A.A. – Alexandre eu estou sempre á disposição, qualquer dia, qualquer horário, é só telefonar. É lógico que eu tenho... Eu não saio de casa, é muito difícil eu sair, porque eu tenho as pernas fracas, tive crise óssea muito grande, estou com um problema de coluna devido ás técnicas que não tinham muita técnica para ser perpetradas. Ás vezes te jogava de cabeça, te jogavam de coluna, o judô antigamente era muito bruto, mas graças a Deus

evolui. Hoje tem técnica, tu aprende a aplicar um *Osotogari*, um *Seoi Nage*, colocação de quadril, colocação de perna. Eu agradeço a sensibilidade de vocês e pela a paciência que vocês tiveram comigo por virem de Porto Alegre até Torres que não é perto. Eu é que tive a honra em lhes receber e a minha casa está sempre a disposição, quando precisarem estou sempre a disposição.

A.A. – Obrigado.

[FINAL DA ENTREVISTA]